
“O que não vem não é notícia”: profissionalização e seleção das fontes nas CBNs Rio e Ponta Grossa¹

Luãn José Vaz CHAGAS²
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

O presente artigo realiza uma análise da percepção dos profissionais da CBN no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa, interior do Paraná, sobre a seleção das fontes nos radiojornais locais da rede de emissoras *All News*. O objetivo é verificar se as práticas profissionais convergem ou divergem em relação à escolha das vozes incorporadas à programação. Para tanto são realizadas entrevistas semi-estruturadas com jornalistas das duas redações com foco no processo de seleção dos agentes que compõem as notícias locais. Por fim são propostas especificidades no gatekeeper radiofônico e questões como o reforço à hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005) na relação de dependência com a crescente profissionalização da indústria de assessorias de imprensa e relações públicas.

Palavras-chave: radiojornalismo; seleção; gatekeeper; dependência; diversidade

Introdução

A diferença no trabalho dos jornalistas na CBN no Rio de Janeiro, que divide a cabeça de rede com São Paulo e coordena o site da emissora, e a ponta de rede em Ponta Grossa pode evidenciar por um lado a discrepância dos formatos de redes radiofônicas no Brasil e por outro a estratégia de entrada de grandes indústrias culturais em diferentes pontos do país. A seleção das fontes e vozes que compõem a programação no cotidiano passa por esse contexto distinto na situação econômica, política e social e nos interessa observar como acontece em momentos como o que temos vivenciado na atualidade.

A prioridade por setores oficiais na CBN fica latente não somente nas entrevistas em que os jornalistas assumem essa postura com o argumento da correção, deixando implícito a ideia da falta de credibilidade existente nas falas do cidadão comum. Aquilo

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O autor agradece a Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e a Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES) pelo apoio à pesquisa e ao estágio doutoral realizado na Universidad Complutense de Madrid.

² Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Membro dos grupos de pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas e CICLO - Comunicação Política e Cidadania. Email: luaanchagas@gmail.com

que “mexe com a vida do ouvinte” é um dos chavões para explicar o modelo de escolha de critérios e valores que vão nortear o trabalho de construção da notícia dos profissionais.

Em Ponta grossa, interior do Paraná, na ponta de rede da CBN, a situação se agrava quando o que mais chama a atenção é a dependência de fontes e vozes profissionalizadas que surfam na onda da falta de profissionais nas redações: “O que vem eu gravo o que não vem não é notícia”. Quase como uma nova definição de valor-notícia em emissoras com fragilidades econômicas e políticas no contexto de periferia, a seleção desempenhada por jornalistas nesse contexto parte do princípio de que aquilo que recebem de assessorias e agências é o que vai determinar quem fala na programação cotidiana. Esse reforço ao *status quo* e a setores que possuem condições de mobilizar estrutura para disputar o espaço do jornalismo afeta diretamente a construção de diversidade no radiojornalismo na atualidade.

O objetivo dessa pesquisa é verificar se as práticas profissionais convergem ou divergem em relação à seleção de fontes e vozes incorporadas à programação. Para tanto são realizadas entrevistas semi-estruturadas (GASKEL, 2002; PATHERSON, 2008; TRIVIÑOS, 1987) com foco no processo de escolha dos agentes que compõem as notícias locais. A variável de escolha dos entrevistados foi definida a partir da função desempenhada na seleção das vozes nas redações entre produtores, chefes de reportagem, repórteres e âncoras.

A partir dos resultados, propõe-se um debate voltado às especificidades do radiofônico na seleção das fontes em duas questões: a primeira diz respeito ao modelo teórico-conceitual que envolve o processo de gatekeeping no radiojornalismo seguindo os preceitos de Shoemaker e Vos (2011) e Lopez (2009); e a segunda é o reforço à hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005) que interfere na ausência de diversidade de vozes a partir da relação de dependência (O’CONNOR e O’NEIL, 2008; FRANKLIN, 2011) formada entre as redações e as fontes oficiais ou profissionalizadas quando selecionadas de forma prioritária pelos jornalistas.

A seleção das fontes no radiojornalismo

A consolidação da metáfora da fonte sobre as vozes utilizadas pelos jornalistas na construção das notícias será mantida neste trabalho como um reconhecimento de que mesmo diante das diversas pesquisas sobre a relação com esses agentes sociais, ela se

mantém na prática profissional e mesmo na academia. É preciso, no entanto, problematizar essa relação principalmente no aspecto em que nos focamos: a seleção das fontes no radiojornalismo. Segundo Traquina (2005) qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação, sendo essa, aquela que o jornalista observa, entrevista ou busca dados que auxiliem a complementar ou construir uma notícia.

Para Schmitz (2011, p. 9), a fonte de informação destaca que todo e qualquer dado/acontecimento/informe está disponível a alguém, enquanto a fonte de notícia necessita de um mediador, como o jornalista, que “faça circular o seu conhecimento ou saber”. Pinto (2000) define o conceito como pessoas, grupos, instituições sociais ou até mesmo vestígios oriundos de falas, documentos, dados que são preparados, construídos ou deixados propositalmente se constituem como fontes. Os agentes ou instituições utilizados pelos jornalistas remetem a posições e relações sociais “para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados”. Por outro lado, o autor reforça que na atualidade a lógica se inverte diante da sofisticação no terreno da distribuição das informações principalmente com a crescente profissionalização desses agentes. Neveu (2006, p. 95) segue na mesma discussão e afirma que se a metáfora aquática faz sentido como alguém que buscaria água pura na fonte, o momento que vivemos “é a de jornalistas submersos num dilúvio de informações oferecidas pelas fontes”.

No caso do rádio, Ferraretto (2014) propõe uma classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas compreendem as equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, apuração dentro da redação. Já as externas abrangem assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. Para o autor, a apuração interna dos jornalistas na redação é fundamental para a compreensão dos acontecimentos. São estes agentes os responsáveis por selecionar os materiais oriundos das fontes e a possibilidade de complementaridade com os discursos externos. Como destaca, o enfoque particular da realidade cotidiana e local é desempenhado na procura de fatos alinhados aos interesses do público da emissora.

Porém, como afirma Lopez (2010) há uma mistura neste processo, ou então uma utilização conjunta que envolve tanto a apuração interna como externa. Nesse sentido, é difícil sinalizar as fronteiras entre uma e outra com um fluxo informativo cada vez mais veloz e profissionalizado entre setores oficiais e os jornalistas nas redações. Ao analisar as novas configurações de formatos no chamado rádio hipermediático, Lopez (2010, p.

76) defende um dinamismo das fontes em três níveis: a) primário: consultadas em campo no desenrolar dos acontecimentos; b) secundário: agentes que analisam os acontecimentos; c) terciárias: quando as informações chegam às redações por outros meios de comunicação, assessorias e agências.

Lopez (2010) também argumenta que a interação com o ouvinte fornecendo informações sobre o cotidiano das cidades vai além da audiência e passou do telefone para a internet. Em um cenário multiplataforma e de intensa cobertura, as emissoras *all news* optam por formas de cobertura que priorizam o *hard news* com atualizações constantes e análises mais detalhadas de casos específicos com colunistas e especialistas. Segundo ela, o ouvinte que interage com a programação se configura como uma fonte para a cobertura do cotidiano.

Se de um lado estão as fontes cada vez mais profissionalizadas na relação com os jornalistas, de outro estão as novas possibilidades de seleção de agentes populares por meio da interação cotidiana. O processo de *gatewatching* é um exemplo desse aspecto na construção colaborativa das notícias com as contribuições do público. No caso apresentado por Bruns (2005; 2011), a interação com os leitores foi fundamental para a cobertura dos gastos de parlamentares no *The Guardian* o que não invalida ou retira o papel do profissional na mediação entre as informações e os valores notícia.

Segundo Bruns (2005) o *gatewatching* é um processo de produção de notícias sem uma estrutura hierárquica que o controle tradicional havia estabelecido. Ele argumenta que o público tem acesso a diferentes fontes e nem sempre depende dos jornalistas ou da própria mídia para a produção e difusão das notícias. Já o conceito de *gatekeeping* é pensado aqui como parte do reconhecimento das especificidades do meio rádio em que a figura do profissional é repensada ao longo das últimas décadas numa lógica de analisar a notícia não apenas na descoberta e seleção pela mídia, mas também como parte de um complexo sistema que envolve as fontes de informação como produtora dos eventos e a transformação destes acontecimentos em mensagens jornalísticas (SHOEMAKER e VOS, 2011).

Para Shoemaker e Vos (2011, p. 34), neste raciocínio, “os *gatekeepers* passam a ser não só coletores, fontes e processadores, mas também profissionais de relações públicas e demais representantes de grupos de interesse que querem modelar o conteúdo da mídia de massa”. Nesse sentido, o jornalismo, dentro do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010), é envolvido por

características clássicas e essenciais de reconhecimento do meio e de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõe suas formas de trabalho nos três canais apresentados no processo de gatekeeping: as fontes, a mídia e a audiência.

Ao reconhecer a diminuição do número de profissionais nas redações, a presença do jornalista sentado (PEREIRA, 2004; NEVEU, 2006) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010), a dependência se torna um dos principais aspectos na relação desempenhada com agentes externos às redações. Segundo Kischinhevsky (2016), o segmento precisa ir além do noticiário banal do cotidiano e investir no local, fugindo da dependência de setores profissionalizados como assessorias de imprensa e agências, algo que depende do investimento em pessoal, gestão competente e remuneração digna.

A definição de dependência passa pelo reconhecimento de que como destaca Manning (2001, p. 149), a “interação entre fontes de notícias e organizações noticiosas envolve um processo de negociação, blefe e barganha, cujo resultado nunca pode ser previsto com absoluta certeza”. Por outro lado, essa é uma questão que se choca com questões valorativas incorporadas pela comunidade interpretativa como autonomia e objetividade no jornalismo.

Traquina (2005) argumenta que aceitar a ideia de uma hierarquia da credibilidade reforça automaticamente a possibilidade de existência de uma dependência das fontes oficiais. A preferência não é só realizada pela noção de confiabilidade ou o acesso a dados mais credíveis que outros, mas sim na facilidade de contato, o que conseqüentemente influencia a análise que o profissional pode fazer de um acontecimento. Autores como Hood (2011) e Elías (2003) identificaram nos contextos americano e espanhol respectivamente situações em que os jornalistas apenas copiavam os materiais oriundos de assessorias e reaproveitavam em um formato de curadoria em notícias e reportagens. A terceirização é outro modelo recorrente, como vemos na CBN Ponta Grossa em que pelo baixo investimento em emissoras locais, a dependência de profissionais que dividem trabalhos para as fontes e nas redações se torna comum dependendo da situação econômica local (HOOD, 2011).

O'Neill e O'Connor (2008) procuram entender como as fontes dominam o noticiário local no Reino Unido a partir de uma amostra de 2979 notícias de quatro jornais de West Yorkshire. O padrão analisado pelas pesquisadoras evidencia que 76% dos artigos tinham apenas uma fonte, considerado ruim para o ambiente democrático de

discussão pública pregada pelos jornalistas. Nesse sentido, a passividade dos jornalistas em relação aos agentes os torna poderosos em definir a agenda pública e os moldes de debate em torno das políticas públicas. A “aliança profana”, como denominam, com a indústria de relações públicas afeta diretamente a ideia de profissão autônoma e crítica na sociedade atual: “As descobertas sugerem que a confiança dos jornalistas em uma única fonte de histórias, possivelmente refletindo a escassez de tempo e recursos, combinada com as habilidades das fontes em apresentar imagens públicas positivas, é um fator significativo para o relato não crítico da imprensa local” (O’NEILL e O’CONNOR, 2008, p. 493).

Ao contrário de um investigador ativo que cruza informações, contrasta com outras fontes e busca diversificar as versões de uma notícia, o jornalista passivo apenas olha ao redor e seleciona aquilo que está mais fácil, confiando menos nos cidadãos comuns e instituições não alinhadas e mantendo o *status quo* de quem está no poder: “Essa passividade também leva a uma confiança excessiva em fontes únicas, excluindo certos pontos de vista e questões relevantes para os leitores e permitindo que fontes de rotina dominem a agenda de notícias e formem histórias subsequentes” (O’NEILL e O’CONNOR, 2008, p. 498).

Cárcamo (2017) em entrevistas realizadas com 20 jornalistas de rádio que cobrem a área da saúde na *Comunidad Del Puebla*, no México verifica essa tendência já amplamente discutida aqui. Em primeiro lugar há uma delimitação dos profissionais nas salas de redação que encaram essa situação como normalidade. Em segundo, possuem fontes fixas que proporcionam informação no seu cotidiano, não sendo necessário a busca do repórter, mas uma “curadoria” do que recebem de modo similar em três cidades analisadas. E em terceiro, quando o repórter visita um local, a busca é por assessores de imprensa de prefeituras municipais ou assessores de órgãos do governo na área. Para a autora os próprios jornalistas assumem e se caracterizam como “decodificadores de informação e formadores de audiência” com dependência do que é enviado pelas fontes: “A maioria deles vê a si mesmo como mero estenógrafo (..) se veem como validadores de fontes” (CÁRCAMO, 2017, p. 217).

Por fim, cabe analisar como as relações entre a dependência e a passividade se tornam latentes na seleção das fontes com a diminuição de profissionais nas redações e as diferentes condições de trabalho na CBN no Rio e em Ponta Grossa. Se torna fundamental perceber como a hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005) perpassa

o modelo de trabalho nas emissoras e interfere em questões subjetivas dos profissionais. É preciso, no entanto, identificar e reconhecer que essas situações são partes de uma construção permanente de investigação em torno da diversificação das vozes no cotidiano. Para tanto, há que se diferenciar a ideia de pluralismo ou pluralidade com diversidade (KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017). Na primeira, como concepção elitista, Manning (2001) argumenta que as defesas nessa área foram organizadas em torno da liberdade de acesso ao mercado em busca da prioridade aos interesses dos leitores, o que se mostra problemático na sociedade atual em que muitas vezes o capital prevalece sobre as coletividades.

Para o autor, é indiscutível que “grupos e instituições dominantes gozem de vantagens estruturadas na luta para controlar os fluxos de informação que abastecem a(s) esfera(s) pública(s)”, o que por sua vez, demonstra uma das contribuições da associação do conceito de pluralismo ao jornalismo (MANNING, 2001, p. 33). Porém, o grau de fluidez necessário aos meios de comunicação evoca diretamente a diversidade com a integração de setores que não possuam as “vantagens estruturadas”, de anúncios corporativos e estratégias pelas quais essas “organizações despendem para mobilizar seus recursos materiais e simbólicos”. Reforça-se então a posição defendida por Manning (2001, p. 34) de que pensar somente o pluralismo para a complexidade de relações entre as fontes e os jornalistas é inadequada e não suficiente para entender a importância da diversidade nas “arenas de formulação de políticas públicas ou na produção das notícias”.

A profissionalização e hierarquia da credibilidade nas CBNs Rio e Ponta Grossa

A investigação sobre a seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura local e cotidiana da CBN no Rio e em Ponta Grossa envolve diferentes questões de análise do papel profissional e social que esses agentes constituem na esfera jornalística. As entrevistas semi-estruturadas são inseridas na coleta de dados objetivos e subjetivos, como forma tradicional nas pesquisas das ciências sociais (PATHERSON, 2008; TRIVIÑOS, 1987). As entrevistas procuraram explorar o espectro das opiniões dos jornalistas nas redações das emissoras a partir de diferentes representações sobre o cotidiano da cobertura com o foco na seleção das fontes (GASKEL, 2002). O objetivo, como destaca o autor, foi extrair dos entrevistados, dados que colaborem para o conteúdo da pesquisa a partir das perguntas já formuladas.

As entrevistas foram realizadas em junho de 2018 na CBN Ponta Grossa com os jornalistas Clarisson Kawa, produtor e âncora do programa local e com os repórteres terceirizados, Emmanuel Fornazari e Thanile Ratti. Já em agosto de 2018, os entrevistados na CBN Rio foram o gerente de jornalismo, Thiago Barbosa; a âncora Bianca Santos; Ricardo Porto, produtor; Matheus Carrera, Chefe de Reportagem; e a repórter Rafaela Cascardo. Na análise, focamos os resultados nos seguintes tópicos a partir das entrevistas: a) mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação da emissora; b) profissionalização das fontes e o impacto nas redações; e c) diversidade.

A Central Brasileira de Notícias (CBN) possui 25 anos e integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 27 afiliadas presentes em 20 Estados mais o Distrito Federal. Segundo as métricas apresentadas pelo Ibope Easy Media no Mídia Kit da empresa, são 122.170 ouvintes por minuto nas quatro principais frequências grupo. Juntando os dados de 2016 a dezembro de 2017³, a rede defende um alcance potencial de 87 milhões de brasileiros atingindo diretamente seis milhões de pessoas por mês. Nos dados de maio a julho de 2016, o Ibope mapeou o registro de 1,5 milhão de usuários únicos por mês no site, 14,5 milhões de assinantes na TV paga, 1,7 milhões de downloads dos aplicativos e 8,2 milhões downloads de podcasts.

A Sociedade Pitangui de Comunicação fundada em setembro de 1989 detém a concessão da CBN Ponta Grossa primeiramente em AM (1300) e depois, assim como cinco emissoras da cidade, migraram para o FM (98,1)⁴. Segundo os dados da Anatel⁵ e na consulta pelo CNPJ da empresa no site da Receita Federal⁶, são oito sócios, sendo que quatro deles atuam como administradores, Roberto Mongrue, Wilson Souza de Oliveira, Amarildo Lopes dos Santos e Baltazar Eustáquio de Oliveira. Na programação, os noticiários locais seguem a grade da rede, às 9h30 e no período da tarde com entradas sobre política, trânsito e economia.

³ Dados disponíveis em https://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2017/08/23/M%C3%8DDIA_KIT_CBN_AGOSTO_2017_A.pdf

⁴ Cinco emissoras migram para o FM em PG. Disponível em: <http://arede.info/ponta-grossa/159255/cinco-emissoras-am-migram-para-a-frequencia-fm-em-pg>

⁵ Dados Sociedade Pitangui de Comunicação na Anatel. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/form.php?id=57dbac6d02d6c&state=AM-C3>

⁶ Quadro societário Sociedade Pitangui de Comunicação Receita Federal. Disponível em: https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_qsa.asp

O horário do CBN Ponta Grossa segue o padrão de escuta na região e no país, como revelou o Instituto DataSonda⁷ na última pesquisa divulgada pela empresa em 2014 sobre o consumo de rádio na cidade. Como uma característica do meio, de acordo com o instituto 11,30% da população está sintonizada em alguma emissora no período entre 10 e 11 horas. Quanto aos ambientes, 65,15% dos entrevistados afirmam ouvir em casa, 24,13% no trabalho e 10,72% no carro. A preferência pelo FM também se repete com 66,44% e o AM, 33,56%. A relação das fontes estabelecidas pela programação como parte do conjunto metodológico de análise na emissora pode ser estabelecida a partir de uma rede de contatos que priorizam agentes do Estado e órgãos oficializados, além de instituições, empresas e especialistas que operam na lógica da linha editorial do grupo.

Nas **mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação**, a incorporação de diferentes formas de contato com os agentes exteriores à redação pode ser visto em três diferentes considerações de experiência na CBN Rio. Para o gerente de jornalismo, Thiago Barbosa (2018), hoje as fontes são mais difusas e não estão presentes somente no “livrinho de anotações” que permanece na redação, mas se complementa com bancos de dados e contatos via aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp: “a gente usa tudo pelos contatos do e-mail e tal, contato pelo WhatsApp, e o interessante é que antigamente falava-se muito mais ao telefone, hoje você percebe na redação um silêncio quando tá todo mundo ali apurando”.

O fluxo de trabalho é atingido e possui uma outra forma de seleção, ligada a cada função de gatekeeper no processo multifuncional do trabalho jornalístico (SHOEMAKER e VOS, 2011). Outro argumento é de que o tema seja “interessante para o ouvinte, se aquilo vai mexer com a vida do ouvinte de alguma forma”, não necessariamente citando o interesse público como critério chave de seleção, Porto (2018) exemplifica a forma de relação com as novas tecnologias a partir das necessidades temporais dos repórteres dentro do programa. Mesmo com a entrada de novas possibilidades pelos recursos das tecnologias em trocas de mensagens com áudios e outras mídias, sentido preferencial continua voltado às fontes oficiais no caso da apuração: “Então, eu priorizo sempre as oficiais, porém a gente tem uma demora maior

⁷ Pesquisa revela índices de audiência das rádios de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.datasonda.com.br/?pg=publicacoes-da-empresa&id=9#>

em conseguir confirmar as vezes coisas básicas que você consegue confirmar com outras fontes” (CASCARDO, 2018).

A dependência da hierarquia da credibilidade é citada por Cascardo (2018) na central de apuração a partir da relação tradicional com o uso do telefone e de grupos de WhatsApp com fontes oficiais para confirmar dados até a veiculação final. Em casos muito relevantes, cita Cascardo (2018), a prioridade é confirmar com vozes oficiais, mas que pode ter a entrada de informações quando “há vários relatos, porém sem a confirmação da Polícia Militar, tem coisas que não tem como evitar, as pessoas mandam vídeo, áudio, a gente vê que realmente está acontecendo e em muitos casos, as fontes oficiais não querem se comprometer”.

Em Ponta Grossa, Kawa (2018) argumenta a relação ainda como sonoplasta e locutor na emissora era toda por telefone e pessoalmente. De acordo com ele, a necessidade da presença no local dos acontecimentos e a manutenção de uma rede de contatos garantia uma confiabilidade dupla entre o entrevistador e o entrevistado. Na sua visão, a atualidade é marcada por uma relação permanente via WhatsApp, Facebook e outras formas de contato pela internet. As assessorias de imprensa também organizam grupos com o objetivo duplo de manter uma relação diária e constante sobre os acontecimentos voltados a suas fontes e também controlar o fluxo de informações sobre suas fontes.

Nesta questão, a repórter terceirizada da CBN Ponta Grossa Thanile Ratti (2018) argumenta que as mudanças são consequências do ambiente de produção e da profissionalização das fontes que atuam diretamente sobre a seleção desempenhada pelos jornalistas. Nos casos de rádio releases ou sonoras enviadas junto aos emails, a escolha também é realizada com a inclusão das vozes dos personagens e fontes oficiais encaixando aquilo que é de interesse do repórter ou não está repetido na informação enviada pela assessoria: “nada desse material sou eu por exemplo que entro em contato, nem com o assessor nem com o assessorado para pegar material, o que vem eu gravo o que não vem não é notícia” (RATTI, 2018).

Há nesse sentido a mudança da estratégia do gatekeeping que é transferido para as fontes que possuem o papel de escolher que vozes e temáticas que são interessantes para os jornalistas. Estes últimos agem com a curadoria ou o gatewatching na reescrita, compilação para o texto radiofônico também com a cultura do copiar e colar (FRANKLIN, 2011) sem um aprofundamento sobre os fatos, agentes ou envolvidos nos

casos: “fazemos uma reescrita do material para ser utilizado para dar uma cara de produção de rádio e não ficar algo de assessoria de imprensa”, relatou o outro repórter terceirizado da CBN Ponta Grossa, Emmanuel Fornazari (2018).

A necessidade e a dependência a partir da **profissionalização das fontes e o impacto nas redações** é parte do discurso dos jornalistas em vários momentos. Um dos fatores para esse processo é a declarada preferência pelas fontes oficiais, parte do jornalismo tradicional como já apontado por vários autores, entre eles Pinto (2000), Traquina (2005) e Schmitz (2011). Barbosa (2018) analisa esse processo como algo natural das mudanças ocorridas no mercado profissional nos últimos anos que impacta em dois caminhos. O primeiro é movido pelos problemas por parte de órgãos que blindam os assessorados e impedem o acesso a fontes ou então insistem com pautas sem o perfil da emissora. O segundo é a facilidade decorrente do contato com os departamentos que conseguem “enxergar uma coisa que a emissora gostaria de ter na programação e que a gente não sabe quem é a melhor pessoa, quando a assessoria consegue atuar nesse meio, ajuda” (BARBOSA, 2018).

Na opinião de Bianca Santos (2018) há um distanciamento com as fontes na relação direta exercida antes do poderio das assessorias de imprensa, principalmente em órgãos militares de segurança e empresariais. Segundo a âncora, a época em os profissionais faziam as rondas regulares em diferentes órgãos e instituições, havia uma recepção tranquila e o repasse de informações de forma direta, mesmo que em alguns casos provocasse tensão quando os problemas eram gerados pela Polícia Militar, por exemplo. O envolvimento com as fontes de forma direta segundo ela se acabou e somente os jornalistas “com mais experiência” e que utilizavam esses recursos conseguem ainda manter alguns contatos no seu cotidiano: “existe essa aproximação, acho que isso não vai se perder nunca, do jornalista com as fontes, mas atualmente está um processo de afastamento por causa dessa crise instalada e do número de assessorias para gerir essas crises”.

A relação de troca e expectativa de materiais prontos que facilitem o trabalho terceirizado também é reforçado por Fornazari (2018), justamente pelo modelo de contrato estabelecido para o *home office* sem a presença no local dos acontecimentos. Segundo ele, a preferência por fontes profissionalizadas se justifica no sentido da abordagem de serviços públicos, nos quais há a necessidade de notas pontuais sobre casos que somente órgãos oficiais podem oferecer.

Não há uma visão estratégica entre aliar o interesse público, a competição com o número desenfreado de informações e notícias entre vários meios e a busca pela **diversidade** de opiniões ou então a transparência de diferentes discursos de forma a equilibrar o noticiário radiofônico nas duas emissoras. Resume-se nesse sentido a “ouvir o outro lado” e conduzir uma estrutura de trabalho enraizada na concepção de confiabilidade em fontes que tradicionalmente são vistas como mais credíveis aos discursos sociais.

Há, segundo Carrera (2018) a normalização do uso das vozes oficiais “à vontade” e a desconfiança permanente em postagens de Facebook, Twitter e mensagens do WhatsApp ou ligações: “o ideal é quando é algo muito grave tentar confirmar com mais de uma fonte”. Para o chefe de reportagem, diversificar as vozes no ritmo de trabalho é praticamente impossível pelo contingente de informações a apurar, mas se torna uma necessidade em casos que demandam de análise aprofundada por diferentes setores da sociedade. Esse mesmo ponto de vista é tratado por Bianca Santos (2018) como uma questão de responsabilidade e não necessariamente na possibilidade de ouvir mais fontes. A prioridade, para a âncora deve ser a agilidade da informação frente a concorrentes como a internet, considerando a cautela quanto a dados ou acontecimentos que necessitam de uma apuração aprofundada.

Para Emmanuel Fornazari (2018) a ausência de diversidade é o resultado da falta de estrutura que passam as redações na atualidade e da reconfiguração profissional que por um lado emprega os jornalistas em assessoria de imprensa e por outro garante o trabalho em *home office* utilizando os materiais de setores das fontes. O tempo maior para a produção e a presença no local dos acontecimentos também são fatores elencados pelo jornalista que levariam a um aumento nos pontos de vista sobre determinadas temáticas.

Considerações finais

Nas três entrevistas na CBN Ponta Grossa fica evidente o fluxo de trabalho desempenhado na redação e o controle exercido pelas fontes por conta da situação estrutural e contextual da emissora. A preponderância das mesmas vozes e a ausência de pontos de vista diferenciados ou oriundos dos cidadãos comuns são partes de uma dinâmica que vai das estratégias das próprias empresas nos dois casos à forma de dependência e passividade com relação a fontes profissionalizadas. Essas são

características do *modus operandi* da construção social da realidade que interfere diretamente na seleção das fontes no radiojornalismo e de quem está habilitado a falar, possui acesso direto ao espaço midiático e conduz os debates sobre as políticas de uma região.

O reconhecimento da necessidade de utilização de releases, informativos, presença em coletivas de imprensa, curadoria dos textos das fontes sem o questionamento ou relação mesmo que via email é uma mostra da ausência das vozes. Durante todas as entrevistas, a preponderância de órgãos e agentes oficiais é tida como natural e inerente ao processo de construção das notícias em ambas as emissoras. O que muda é o contexto político e socioeconômico com um número maior de profissionais no Rio de Janeiro. O cidadão comum ainda fica à margem da possibilidade de ser ouvido em toda a ressonância necessária sem um jornalista que tenha condições estruturais de investigar e ouvir os diferentes lados existentes sobre os fatos do cotidiano.

A partir das entrevistas é possível salientar três pontos que reforçam as especificidades do modelo de seleção do radiojornalismo e as condições de produção. O primeiro deles é o processo de gatekeeping multidimensional específico nas redações radiofônicas, diferenciadas da apresentação conceitual tradicional e que remete ao formato de distribuição das funções que perpassam repórteres, produtores, âncoras e chefes de reportagem. Não há uma linearidade da escolha das fontes e se torna uma potencialidade pelo fato do jornalista que está na rua poder escolher de forma autônoma de acordo com as condições estabelecidas no trabalho e no jogo profissional às vozes que vão compor uma notícia.

O segundo caso é o reforço à hierarquia da credibilidade com a manutenção das fontes oficiais pela escolha desempenhada pelo nível de confiança estabelecido em conjunto com instituições como a polícia no caso da cobertura de segurança no Rio de Janeiro ou o agronegócio em Ponta Grossa. Como resultado dessa relação, o terceiro está relacionado com a dependência das fontes oficiais e profissionalizadas que se acentua nas duas emissoras pelo formato de trabalho em condições já estabelecidas na primeira emissora e pelas condições terceirizadas em que o jornalista aceita passivamente os materiais oriundos de assessorias no caso do interior paranaense. O jornalista passivo, nesse sentido, se torna uma característica da dependência das fontes organizadas em um contexto que combina as pressões com a crescente experiência das instituições em se relacionar com as redações reconhecendo suas fragilidades. O

argumento das autoras é que até mesmo o papel do gatekeeper muda nesse sentido para o profissional da assessoria que seleciona e distribui o que é de interesse para a organização em que trabalha.

As discussões permanecem no sentido de compreender como os debates públicos são afetados pela ausência de diversidade como resultado do trabalho nas redações. A ascensão de perfis profissionais com pouco tempo ou imersos na agilidade do tempo e do espaço em que estão inseridos são marcas de um momento vivenciado pelo jornalismo na atualidade. Essas condições, terceirizadas ou que confiam nas fontes oficiais como agentes primários na construção das notícias estabelece uma relação que impede a visibilidade do cidadão comum como parte dos debates sobre políticas públicas e o andamento de reformas e outras votações importantes na esfera política da sociedade. A disputa pelo espaço do jornalismo se mostra desigual pelo formato de trabalho, os valores compartilhados e a crescente influência de setores externos às redações na atualidade.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Thiago. **Entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.
- BRUNS, Axel. Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. v. 7, n. 2, 2011.
- BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang, 2005.
- CARRERA, Matheus. **Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.
- CASCARDO, Rafaela. **Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.
- ELÍAS, Carlos. Adaptación de la metodología de “observación participante” al estudio de los gabinetes de prensa como fuentes periodísticas. Madrid: **Empiria, Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, n. 6, 2003.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio - Teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.
- FORNAZARI, Emanuel. **Entrevista realizada no dia 22 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.
- FRANKLIN, Bob. Sources, credibility and the continuing crisis of UK journalism. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HOOD, Lee. News outsourcing: the producers' perspective. **Journal Of Radio & Audio Media**, vol. 18, num. 2, 2011.

KAWA, Clarisson. **Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luãn. Diversidade não é igual a pluralidade – Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, v. 1, n. 36, dez. 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Débora Cristina. A construção da notícia no rádio contemporâneo: O papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. **Chasqui**, No. 108, Diciembre, 2009.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MANNING, Paul. **News and News Sources: A Critical Introduction**. Londres: Sage, 2001.

O'NEILL, Deirdre; O'CONNOR, Catherine. The passive journalist: how sources dominate local news. Londres: **Journalism Practice**, v. 2, n. 3, 2008.

PATHERSON, C. Why ethnography? In: PATHERSON, C.; DOMINGO, D. (orgs.). **Making online news: the ethnography of new media production**. New York: Peter Lang, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web. **Em Questão**, v. 10, nº 1, p. 2004.

RATTI, Thanile. **Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.

SANTOS, Bianca. **Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P.. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

SHUDSON, M. **The sociology of news**. New York: Norton, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VAN HOUT, Tom. Sourcing Business News: A Case Study of Public Relations Uptake. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.